



*REFLEXÕES ACERCA DO CONTEÚDO ESPORTES NA ESCOLA, A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO PIBID*

**Jonathan Terra Corrêa<sup>1</sup>**  
**Rudy da Silva Ribeiro<sup>2</sup>**  
**Thais Mortola Dias<sup>3</sup>**  
**Billy Graeff Bastos<sup>4</sup>**

**RESUMO:** Através do PIBID e sua consequente inserção na instituição escolar, percebemos muitos pontos instigantes de estudo e pesquisa, fatos que podem ser pensados e (re) pensados por nós, ainda em fase de introdução na escola, ainda em processo de aprendizagem. Buscamos fazer uma reflexão sobre o tema Esportes no âmbito escolar, almejando uma discussão desse conteúdo a partir das nossas intervenções nas escolas participantes do projeto, abordando mais especificamente os temas rendimento e competição no esporte dentro da escola e suas relações com a sociedade.

**Palavras-Chave:** Esportes. Escola. Sociedade

**ABSTRACT:** Through PIBID and its subsequent inclusion in the school, we realize many exciting points of study and research, facts that can be imagined and (re) designed by us, still in the introduction phase in school, still in the learning process. We seek to reflect on the theme of sports in schools, targeting a discussion of that content from our interventions in schools participating in the project, specifically addressing the issues performance and competition in sport within the school and its relationship with society.

**Key words:** Sports. School. Society

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 7º semestre do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, bolsista do PIBID.

<sup>2</sup> Acadêmico do 5º semestre do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, bolsista do PIBID.

<sup>3</sup> Acadêmica do 7º semestre do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, bolsista do PIBID.

<sup>4</sup> Professor Mestre da Universidade Federal do Rio Grande – Curso de Educação Física

**RESUMEN:** A través PIBID y su posterior inclusión en la escuela, nos damos cuenta de muchos puntos interesantes del estudio y la investigación, los hechos que se puedan pensados y (re) pensados por nosotros, aún en la fase de introducción en la escuela, todavía en el proceso de aprendizaje. Buscamos reflexionar sobre el tema de los deportes en las escuelas, dirigido a la discusión de que el contenido de nuestras intervenciones en las escuelas participantes en el proyecto, abordando específicamente los problemas de rendimiento y la competencia en el deporte dentro de la escuela y su relación con la sociedad.

**Palabras Clave:** Deportes, Escuela, Sociedad;

## INTRODUÇÃO

Envoltos pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, construímos o presente artigo, buscando refletir sobre um dos temas da cultura corporal: Esportes. Assim, pretendemos discutir este conteúdo dentro do âmbito escolar, construindo este artigo a partir das nossas intervenções nas escolas participantes do projeto, conciliando com textos para embasar o presente trabalho.

Contextualizando acerca do PIBID, este visa inserir o acadêmico de licenciatura no seu futuro âmbito de atuação, a escola, oportunizando que o mesmo possa perceber a instituição escolar enquanto meio de vivências e de aprendizado. Assim, formado por 12 bolsistas, todos acadêmicos do curso de Educação Física, por dois professores supervisores (um de cada escola que os bolsistas atuam) e um coordenador (professor do curso de Educação Física da FURG), este projeto é de grande relevância para o futuro discente.

Desse modo, nessas instituições os bolsistas desenvolvem atividades de problematização da Educação Física na educação básica, experimentação da docência, perspectivas pedagógicas da área e possibilidades de manifestação da cultura corporal.

Ainda dentro desse esquema organizacional do projeto, como um instrumento metodológico, desenvolvemos oficinas para todos os membros do grupo referentes aos temas da cultura corporal e assuntos relevantes da área, a fim de fortalecer o debate e o conhecimento de todos com determinados temas do âmbito da Educação Física.

Tendo como principais bases de estudo o Materialismo Histórico Dialético, desenvolvido por Marx; a Pedagogia Histórico Crítica de Dermeval Saviani; o Coletivo de Autores com a abordagem Crítico Superadora e os princípios curriculares no trato com o conhecimento;

visamos tornarmos pesquisadores de nossas próprias práticas, formando alunos mais reflexivos, críticos e autônomos.

Assim, dentro de todo esse universo organizacional que caracteriza o PIBID Educação Física – FURG, que construímos este artigo, focando no tema da cultura corporal que fomos destinados a estudar e aprofundar dentro do projeto: Esportes.

Desse modo, dentro da instituição escolar, percebemos muitos pontos instigantes de estudo e pesquisa, fatos que podem ser pensados e (re) pensados por nós, ainda em fase de inserção na escola, ainda em processo de aprendizagem. Tendo esses pontos organizados através de subtítulos ao longo do texto, procuramos apresentar o cenário que encontramos na escola, no que diz respeito aos Esportes, o cenário que criamos em nossas aulas, buscando para nos embasarmos o que expressamos em nossos relatos em diários de campo. Esse tema gera diversos debates e possibilidades de reflexões. Neste artigo voltamos o foco para a questão do rendimento e competição no esporte dentro da escola e suas relações com a sociedade.

## **DECISÃO METODOLÓGICA**

### **O esporte como conteúdo da educação física escolar**

Entendemos que o esporte faz parte da cultura corporal e, portanto, é um conteúdo da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992). A partir da visão de mundo do Materialismo Histórico Dialético (MHD), que é base do PIBID EF, corroboramos com o pensamento de Bracht (1997) sobre a Educação Física Escolar e o esporte enquanto conteúdo dessa disciplina. A seguir estão considerações sobre esse assunto, a partir, principalmente, do entendimento desse autor.

No âmbito da Educação Física Escolar, existem diferentes pensamentos sobre qual é seu papel. Um grande grupo de profissionais de Educação Física tem uma visão biológica sobre ela. Outro grande grupo, que juntamente com o anterior representa a maioria, possui uma visão bio-psicológica, que supera a anterior.

Para a primeira, o papel da Educação Física é a melhoria da aptidão física, enquanto que para a segunda, além de melhoria da aptidão física, é também o

desenvolvimento psíquico. Ambas as visões são a-históricas com relação ao papel social da Educação Física e, no âmbito de teorias a-críticas da Educação, não reconhecem condicionantes sociais da Educação, Educação Física e da atividade pedagógica (BRACHT, 1997). Esse autor aponta que apenas recentemente foram feitas tentativas no sentido de analisar criticamente o papel social que a Educação Física cumpre neste momento histórico. Ele cita trabalhos feitos a partir de meados da década de 80.

O esporte, como conteúdo escolar, é desenvolvido, preponderantemente, a partir dessas visões biológicas e bio-psicológicas, que são a-críticas e, dessa forma, contribuem para manter e reforçar valores da sociedade capitalista (BRACHT, 1997). De acordo com esse autor, dentro dessa ótica, uma vantagem do esporte é seu conteúdo sócio-educativo. A socialização das crianças tem sido justificativa para a inclusão da EF nos currículos escolares. Segundo Bracht (1997), os defensores dessa ideia apontam que o esporte educa, pois ensina respeito às regras; proporciona convivência com vitória e derrota; estimula esforço pessoal (às vezes, momentaneamente, estimula cooperação para atingir objetivos comuns, quando necessário); estimula respeito por autoridades. Ele aponta que, a partir dessa ideia, o esporte realmente educa, mas educa para o indivíduo se adaptar à sociedade capitalista, ofuscando as contradições dessa sociedade, levando ao acomodamento ao invés de questionamento. Dentro dessa perspectiva, o esporte reproduz desigualdades sociais; é utilizado como forma de controle social; contribui para manter o sistema, pois os valores inculcados são os da classe dominante; ele reproduz e reforça a ideologia capitalista, que faz parecer com que seus valores sejam normais e desejáveis (BRACHT, 1997).

O que vem acontecendo a partir de perspectivas a-críticas da Educação e a-históricas da EF é que, nas aulas em que o esporte é desenvolvido, acaba ocorrendo apenas o ensinamento de técnicas, o que é necessário para a competição. Existe uma busca pelo rendimento atlético-desportivo, visando a vitória. Isso acaba excluindo quem não está apto

para a prática desse esporte de rendimento. Segundo Bracht (1997), a competição toma conta do esporte escolar, sendo que muitas vezes a vitória é buscada a qualquer custo, o que é representada na sociedade capitalista, onde os indivíduos devem vencer na vida.

A partir de nossas experiências nas escolas, seja como bolsistas do PIBID ou como estagiários do curso de EF, percebemos que realmente procedem todas essas considerações feitas por Bracht (1997). Os alunos já esperam que o conteúdo seja esporte, em especial o futebol, e que seja tratado de forma técnica ou até simplesmente o jogar por jogar. Notamos isso pelos pedidos feitos logo que entramos nas salas de aula. É comum que eles queiram apenas jogar e acham normal que jogue apenas quem sabe ou gosta. É algo encontrado em todas as escolas com as quais tivemos contato, possivelmente por conta da maneira com que o esporte vem sendo tratado pelos professores na EF.

Para Bracht (1997) o esporte é burguês, não pelo fato de que seja essa sua essência, mas sim porque suas múltiplas determinações fornecem características para que o esporte seja dessa maneira. Ou seja, a sociedade burguesa se apropria do esporte, vinculando a ele os seus valores. Na escola esses valores vêm sendo transmitidos quando os objetivos das aulas são meramente técnicos; quando o que se busca é o rendimento, excluindo quem não está apto; quando são abordadas regras institucionalizadas que são mostradas como características do esporte, que são necessárias serem seguidas para que se possa praticá-lo.

Bracht (1997) entende que a EF deve promover uma descaracterização do esporte burguês, mas sem negar a cultura dominante, pois esta deve ser reconstruída a partir das necessidades dos dominados. A EF deve criar bases de um novo esporte que, para se consolidar, precisa de uma nova ordem social. Nesse novo esporte citado por Bracht (1997), o princípio de rendimento e competição discriminatória, bem como o de esforço pessoal e individual para derrotar o adversário, não devem ser norteadores. O que se busca com esse esporte é o jogar com e não o jogar contra, é priorizar o coletivo ao invés do individual, incluindo a relação adversário/companheiro.

Vago (1996) aborda questões discutidas por Bracht (1992), ressaltando a questão do esporte na escola e o esporte da escola.

O primeiro se refere à instituição esportiva e seus valores sendo transmitidos pela escola, enquanto que o segundo se refere a uma abordagem específica do esporte dentro da escola, onde seria pensado enquanto fenômeno cultural, possibilitando a mudança de valores que regem o esporte hegemônico na sociedade.

Vago (1996) entende que o esporte deve ser transformado em objeto de ensino dentro da escola, produzindo uma cultura escolar de esporte. Com isso seria problematizada a prática cultural do esporte na sociedade, para reinventá-lo, recriá-lo, reconstituí-lo a partir da escola. Isso não ficaria apenas dentro dela, mas poderia intervir na história cultural da sociedade.

Nas nossas intervenções na escola procuramos não negar o esporte de rendimento, tão presente na sociedade, mas buscamos levar aos alunos uma outra, ou outras, óticas acerca do esporte. A seguir vamos abordar a questão da competição e do rendimento no esporte a partir de nossas intervenções na escola como bolsistas do PIBID.

## **ANÁLISE**

### **1. Competição e rendimento no esporte – reflexão acerca de nossas intervenções na escola**

Neste tópico iremos abordar a questão da competição e do rendimento no esporte dentro da escola, fazendo uma relação entre nossas intervenções como bolsistas do PIBID e o pensamento dos autores citados anteriormente. Tratamos aqui da expressão esporte de rendimento quando nos referimos ao esporte que tem o rendimento atlético-desportivo como elemento central (BRACHT, 2000). Bracht (1997) aponta que nas aulas onde o esporte é abordado, é predominante a ideia de aprendizagem de técnicas esportivas visando a competição e, para isso, se busca o rendimento atlético-desportivo, que é condição para se conquistar a vitória.

Competição e rendimento fazem parte da estrutura interna do esporte e também são relações sociais da nossa sociedade (BRACHT, 2000). A partir de uma visão crítica sobre como o esporte vem sendo abordado na escola e o que representa para a sociedade,

nós buscamos não enfatizar a competição e nem o rendimento, fatos marcantes no esporte hegemônico. Isso não significa

excluí-los ou negá-los. Procuramos problematizar com os alunos sobre essas questões, principalmente a partir de situações que acontecem no momento da aula, no sentido de fazê-los pensar o esporte além do rendimento e da competição acima de tudo; no sentido de “[...] questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e

cultural da comunidade que o pratica, cria e recria” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.49).

Um exemplo de um fato que aconteceu em aula e proporcionou que fosse feita uma reflexão a cerca do esporte de rendimento foi quando alguns meninos reclamaram da participação de meninas em um jogo de futebol. Foi numa turma de quinta série, sexto ano. Eles não queriam que elas participassem, alegando que no futebol homens e mulheres não jogam juntos. Então falei<sup>5</sup> para eles que este futebol onde não podem jogar juntos homens e mulheres não é o único. Este é institucionalizado, possui suas regras e normas próprias e que se pode jogar futebol de outras formas, que suas regras podem ser modificadas. Enfatizei que futebol não é apenas o da tv. O interessante é que eles mesmos citaram exemplos de quando jogam nas ruas, com traves feitas de chinelos e sem juiz. Então expliquei que a minha proposta para a aula é de um futebol onde todos possam jogar e que o principal objetivo é a diversão e não a competição, apesar de ela fazer parte.

Outro exemplo, nessa mesma turma, foi uma aula em que busquei abordar a competição no atletismo de uma maneira diferente da convencional, da que é estimulada pela mídia, diferente do alto rendimento. Utilizei, mais especificamente, a corrida de revezamento. Conversei com eles enfatizando o fato de que não é necessário ser ou medir quem é o mais rápido ou quem salta mais longe para que se possa praticar esse esporte. Já havia falado em aulas anteriores sobre o futebol e as possibilidades de jogá-lo, sem precisar buscar o alto rendimento ou seguir as regras institucionalizadas que podem provocar exclusões.

A proposta da atividade foi a seguinte: iriam correr em volta da quadra revezando entre os integrantes, com o tempo sendo cronometrado. Cada equipe fez isso e eu anotei os tempos. Eles tinham que falar em quanto tempo achavam que tinham feito o percurso. A equipe que mais se aproximasse ganhava 1 ponto na primeira etapa, num total de três etapas. Na segunda eles tinham que refazer o trajeto tentando levar o tempo que acharam ter levado na primeira. Alguns tiveram que ir bem mais lentos do que na

---

<sup>5</sup> Este é um exemplo que ocorreu na aula de um de nós, por isso está explicado em primeira pessoa.

primeira vez. A terceira etapa consistia em tentarem superar o tempo que fizeram na primeira. Ganhavam pontos de acordo com a melhora em segundos (1s mais rápido: 1 ponto; 2s mais rápido: 2 pontos etc.). Isso proporcionou com que a equipe que foi mais lenta tivesse mais chance de melhorar seu tempo e conseguir maior pontuação.

Por acaso houve empate entre as equipes depois de três etapas. Foi perfeito, pois todos saíram comemorando. Mesmo que tivesse havido vencedores a atividade foi muito interessante pois, definitivamente, não foi exacerbado quem era mais rápido ou quem era mais lento. Em nenhum momento houve esse tipo de comparação, mesmo havendo equipes que eram mais rápidas. Eu procurei não enfatizar a diferença de tempos entre as equipes mas, se quisessem, poderiam fazer isso, pois sabiam os tempos. Mesmo assim não o fizeram. Eu fiquei muito satisfeito com essa aula, consegui fazer com que praticassem corrida, que se divertissem com isso e sem haver comparações e apontamentos de quem é melhor e quem é pior.

Esses são apenas exemplos ilustrativos de como abordamos o esporte nas aulas. Nesse caso foi para uma turma de crianças. As conversas que temos durante as aulas são apropriadas com suas capacidades cognitivas, como sugere o Coletivo de Autores (1992). Há certa dificuldade em conversarmos com eles buscando reflexões, pois não estão acostumados a isso nas aulas de educação física. Também há muitos pedidos por futebol e bastante reclamação quando não jogam. Aos poucos vamos tentando mudar isso, buscando que entendam que as aulas de EF não servem apenas para jogar futebol ou qualquer outro esporte ou atividade específica.

Portanto, antes de ensinar algo e possibilitar reflexões nas aulas, incluindo sobre o esporte, temos que superar dificuldades, como o fato de que os alunos não esperam aprender algo ou fazer algo diferente de jogar futebol ou caçador. Resistem a conversas e a participar de atividades das quais não gostam ou não estão com vontade. Isso é algo que deve ser levado em consideração, mas buscamos superar essa situação e possibilitar que o esporte possa ser enxergado de uma outra maneira pelos alunos além da busca por rendimento e de vitória a qualquer custo.

Segundo Bracht,

Neste momento, em que a idéia da competição (concorrência) toma conta do esporte escolar, idéia esta que é fomentada pela busca da vitória, às vezes a qualquer custo (lucro), e do que ela representa na nossa sociedade (vencer na vida), já não existe mais espaço para a discussão sobre as normas do esporte, para a criação no esporte (adaptar o esporte à realidade social e cultural do grupo que faz esporte = criação cultural); já não existe mais espaço para a preocupação com o desenvolvimento de valores relacionados com o coletivismo (entendido como ações que visem prioritariamente o bem comum, ou seja, priorizem o coletivo ao individual): já não existe o espaço para a discussão de estratégias que permitam a participação de todos os alunos com as mesmas oportunidades nas aulas, porque o professor tem de preocupar-se com os que apresentam melhor rendimento; preocupar-se com a melhoria da técnica (elevando-a à categoria de fim); preocupar-se com o ensino das regras internacionais dos esportes, ou melhor, com a imposição das regras internacionais que permitirão as condições objetivas de comparação de performances; preocupar-se em desenvolver nos alunos e suas equipes o espírito de competição, condição para a obtenção de vitórias (vencer na vida) (1997, p.63-64).

Esse autor aponta que há espaços na EF para uma ação transformadora dessas características, mas a partir de uma perspectiva crítica, diferente do que se tem predominantemente no momento. Ainda assim, de acordo com ele, são espaços restritos e não é tarefa fácil, pois há ferrenhas determinações sociais que contribuem para que o esporte reproduza a atual estrutura social.

Vago (1996) entende que deve haver uma relação de tensão permanente entre o esporte específico da escola, com seus próprios códigos, e o esporte hegemônico atualmente

Para ele, a pesquisa de Bracht (1992) mostra que há possibilidade de haver essa relação. Segundo Vago (1996),

A escola pode, por exemplo, problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, para dotá-lo de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico, por exemplo. Agindo assim, ela produz uma outra forma de apropriação do esporte, produz um outro conhecimento acerca do esporte. Enfim, produz uma outra prática cultural de esporte (p.12).

Nossa atuação na escola caminha nesse sentido. Não negamos que existe o esporte de rendimento, que é excludente, que nem todos podem praticar, onde a vitória, na maioria das vezes, é o mais importante.

Mas buscamos que os alunos entendam que essa não é a única maneira de se praticar esporte e que a prática deles não precisa, e nem deve, seguir esses moldes. É possível usufruírem do esporte, essa prática cultural, sem precisar atingir o rendimento

máximo de determinada modalidade, sem precisar vencer a qualquer preço, entendendo a importância da cooperação acima da competição, de ressaltar a busca do bem comum acima do individualismo.

Isso não é algo simples, que ocorre de repente. A cada aula procuramos avançar na busca de reflexões dos alunos sobre isso. Procuramos levar o esporte a eles de modo que todos possam participar, incentivando mudanças de atitudes ou regras e deixando claro que o que buscamos não é competição e nem o rendimento máximo, mas sim que todos possam usufruir e não apenas os que “sabem jogar”.

Não se trata de negarmos a competição, mas procuramos deixá-la em segundo plano. E com relação ao rendimento, procuramos, e deixamos isso claro aos alunos, que eles atinjam o rendimento possível e não o máximo esperado. Segundo Bracht (2000, p.16), “no caso da lógica do sistema esportivo, o rendimento almejado é o máximo, não o possível ou o ótimo, considerando as possibilidades individuais e dos grupos. No sistema esportivo o próprio rendimento máximo tornou-se o objetivo a atingir”. Esse autor também destaca que o problema não é ensinar técnica enquanto tal, mas sim o objetivo que ela tem.

O sentido que damos às técnicas esportivas que ensinamos é o de proporcionar a participação de todos, de que todos possam usufruir dos esportes, mas sem buscar o rendimento máximo, sem a exigência da perfeição, buscando não gerar comparações entre eles, voltando o foco para melhorias em relação a si mesmos.

Nesse próximo subtítulo não buscamos somente uma reflexão sobre os Esportes como hegemônicos dentro das aulas de Educação Física, mas, também, pela modalidade esportiva que é hegemônica dentro dessas aulas: o futebol.

## **DISCUSSÃO**

### **1. Adaptações necessárias para o ensino do esporte**

O esporte se auto-afirma dentro da sociedade moderna, tanto que a reprodução desta prática corporal se expande em todos os ambientes que o ser humano se insere, até mesmo a escola, mas para utilizar o esporte dentro das instituições de ensino é necessária a reflexão da parte docente para ensinar e instrumentalizar os alunos com

uma aula, sendo importante enfatizar a criação de adaptações para produzir um ambiente para que todos os alunos possam participar de uma aula, retirando gradualmente a ideia de praticar o jogo de bola por jogar.

O esporte de alto rendimento é excludente, cheio de regras que acabam anulando o lúdico em sua prática. Segundo Bracht (1997, p.81), “o esporte moderno, cada vez mais, perde as características do jogo estabelecidas por Huizinga, que, já em 1938, identificava esse problema

As modificações das regras, adaptações de possíveis jogadas, e a utilização introdutória do esporte em jogos e brincadeiras podem fornecer um cardápio mais abrangente à visão dos alunos, podendo contribuir para que eles aprendam determinadas técnicas necessárias para a prática esportiva, mas de maneira lúdica, sem a busca pelo rendimento e sem ênfase na competição.

A prática corporal esportiva dentro do ambiente escolar deve-se então ser misturado e adaptado com brincadeiras e jogos para incentivar a criança a produzir seu pensamento e não simplesmente impor a ela uma norma ou regra dentro da atividade de jogar, podendo deixar o jogo sério, sem graça e as crianças não querer realizá-lo. Portanto, se desvencilhar das técnicas e regras e utilizar um caráter mais lúdico e espontâneo, quanto menos tecnicista for a metodologia, mais interessante será para esta ser abordada dentro da escola. Bracht (1997) entende que o esporte deve preservar ou recuperar o caráter lúdico dentro da escola, de modo que a ação pedagógica esteja voltada para isso.

Huizinga (2000) afirma que a sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras. Esse autor ainda enfatiza que uns e outros vão levando o esporte cada vez mais para longe da esfera lúdica propriamente dita, a ponto de transformá-lo numa coisa *sui generis*, que nem é jogo nem é seriedade.

Pensando dessa forma podemos relacionar a prática do esporte dentro da escola com o jogo, de forma que os esportes possam ser abordados a partir de jogos, visto que estes originaram diversos esportes que foram institucionalizados. Segundo o Coletivo de Autores (1992, p.48) “O esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve

códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica.” Dessa forma os alunos podem entender que os esportes nem sempre foram como são na atualidade e que nem sempre serão assim, podendo ser modificados, criados, pelo homem, por eles. Assim podendo criar um esporte escolar, cujo dito por Vago (1996), possibilitando criar uma relação de tensão permanente entre uma prática de esporte produzida e acumulada historicamente e uma prática escolar de esporte (a cultura escolar de esporte).

Assim possibilitando com que sua prática se torne lúdica dentro da escola, sem perder sua essência esportiva, mas mudando conceitos e valores e sendo mais abrangente.

Entendemos que abordar o esporte na escola para além da prática hegemônica atualmente, que ressalta valores da sociedade capitalista – como rendimento máximo e competição – não é tarefa fácil. Mas isso não significa que não deva ser feito. Procuramos fazer com que os alunos possam refletir sobre o esporte, sobre tudo que está em seu entorno como uma prática cultural, possibilitando que se eximam de determinados preconceitos (de que menino não pode jogar futebol com menina, por exemplo); que entendam que o esporte não precisa ser uma dicotomia entre o vencedor e o perdedor, entre o rápido e o lento, entre o forte e o fraco etc; que usufruam dele de maneira autônoma, entendendo que não é necessário dominar técnicas específicas para praticá-lo, que regras podem ser modificadas visando o bem de todos, que não é necessário comprar os equipamentos mais caros e que um lugar diferente do “oficial” pode ser adaptado para sua prática.

Enfim, buscamos passar valores característicos de uma sociedade diferente da atual, diferente dos valores capitalistas, contribuindo para a formação de um homem capaz de transformar sua sociedade. Certamente, por maior que seja nosso esforço, a contribuição é muito pequena para isso e deve ser somada a outros diversos fatores. Com relação ao esporte, entendemos que a EF pode contribuir tratando ele de forma crítica e não apenas prática, não apenas o fazer por fazer ou a busca por rendimento e vitória em competições.

## REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, Valter. **Esporte na escola e esporte de rendimento**. Movimento, Porto Alegre, n. 12, p. XIV-XXIV, jul. 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo, Cortez, 1992.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4ª. edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

VAGO, Tarcísio Mauro. **O “esporte na escola” e o “esporte da escola”**: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. Movimento, Porto Alegre, n. 5, p. 4-17, 1996.